

## MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO DO CAMPO: PRÁTICA DOCENTE E CLASSES MULTISSERIADAS<sup>1</sup>

Luciana Maria Alves

Profa. Esp. da Rede Municipal de Ensino de Francisco Dantas – RN,  
[lm.alves2010@bol.com.br](mailto:lm.alves2010@bol.com.br)

Geralda Maria de Bem

Profa. Ms. da Rede Municipal de Ensino de Pau dos Ferros – RN,  
[geraldabem@hotmail.com](mailto:geraldabem@hotmail.com)

**Resumo:** Este estudo contribuiu para a compreensão dos avanços que a educação do campo poderá trazer para a formação dos educadores. O mesmo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas voltadas para a formação de professores, na escola do campo. De caráter teórico e empírico, nossas discussões estão pautadas nos estudiosos como: Caldart e Molina (2004), Sousa (2006), Santos (2012), entre outros. Essa pesquisa é do tipo exploratório-descritiva realizada sobre a prática docente e o espaço da escola, campo de estudo. A perspectiva teórica desse trabalho busca relacionar o multiculturalismo com a educação do campo por estarem situados em um contexto político e de lutas por mudanças, rompendo com o modelo padronizado e uniformizado de educação, caracterizando o compromisso em defesa da diversidade cultural e na crítica às desigualdades culturais e identitárias.

**Palavras-chave:** Educação do campo, Formação de Professores, Prática Docente.

### 1 Introdução:

Toda investigação nasce de algum problema sentido ou observado, de tal modo que não pode prosseguir, a menos que se faça uma seleção da matéria a ser tratada. Essa seleção requer alguma hipótese ou pressuposição que irá guiar e, ao mesmo tempo, delimitar o assunto a ser investigado. A pesquisa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, é um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser reduzido apenas em números. Neste sentido, o principal objetivo é analisar a relação entre multiculturalismo e educação do campo por estarem situados em um contexto político e de lutas por mudanças.

Após definido o objeto de estudo surge à necessidade de selecionar o marco teórico e as formas de investigar esse objeto. No marco teórico nos apropriamos das contribuições, principalmente, de Souza (2006), Caldart e Molina (2004). Essa pesquisa se respalda nas técnicas e métodos conhecidos como pesquisa qualitativa, uma vez que o trabalho com a educação do campo está voltado para a realidade social.

---

<sup>1</sup>Este trabalho é uma pesquisa vinculada a Especialização em Educação e Linguagens para a Multiculturalidade da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Recentemente a Educação do Campo vem sendo questionada e debatida diante a LDB, Lei de nº 9.394/96, que promove os direitos dos cidadãos em relação ao campo e, especificamente, com as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, de 3 de abril de 2002.

A educação do campo é um espaço propício para reflexão sobre a interdisciplinaridade em que caracteriza a diversidade cultural, social, e econômica, uma vez que requer análise e especificidade do lugar. De acordo com Souza (2006, p.24), “o campo é o lugar de pequena produção do sem-terra, do posseiro, do indígena, do quilombola, dos atingidos por barragens, meeiros, porcentageiros e boias-frias e dos sem água”.

## **2 Considerações sobre a escola do campo e prática docente**

Com a produção e o trabalho de princípios educativos levam em consideração a discussão acerca da reprodução do campo, no seio da sociedade capitalista em que o processo de luta e posse de terra é componente indispensável nas relações sociais próprias do espaço campestre, no cotidiano da vida do agricultor, a partir da reprodução de saberes e prática da vida camponesa.

Para Arroyo e Fernandes (1999), a produção vai além, porque a cultura da roça, do milho, para os camponeses é cultura. É cultivo de ser humano. É o processo em que constitui o sujeito cultural, por isso não se deve separar produção, educação e escola. A prática pedagógica do campo tende a valoriza os conhecimentos historicamente construídos pelos trabalhadores desse lugar de origem.

Neste caso, os autores relatam que a produção e a cultura estão relacionadas a escola, pois é lá que construímos conceitos e desenvolvemos nossos conhecimentos. De acordo com Caldart (2004), a educação é vista como processo de projetos de educação e trabalhadores do campo, desde a trajetória de vida de luta dos camponeses e suas organizações.

A educação é o ponto de partida para a construção dos trabalhadores que lutam por seus direitos e deveres não reconhecidos pelo homem do campo. Neste caso, o jovem do campo é referência para a comunidade, em que está inserido.

Em se tratando da escolarização da juventude rural, os dados apresentam preocupações. De acordo com o Censo Demográfico (2010), dos jovens de 15 a 17 anos, somente 84,40% dos 2.215.519, residentes em zonas rurais, frequentam a escola, o que corresponde a um alunado de 1.462.454 jovens. Desse total, apenas 12,4% estão matriculados nas series iniciais do Ensino Fundamental, em comparação com 88% da zona urbana, indicando o grave problema do atraso

escolar. Apenas 15,50% desses jovens estão no ensino médio, nível adequado à faixa etária de 15 a 17 anos.

Tabela 1-Frequência à escola na faixa de 15 a 17 anos – 2000 a 2010

Fonte: IBGE- Censo Demográfico 2000 e Censo Escolar INEP/2010

Região Geográfica	População Rural de 15 a 17 anos	Taxa de frequência a escola		Ensino Regular						Educação de jovens e adultos		Outros níveis modalidades de Ensino Médio	
				Ensino Fundamental		Ensino Médio							
				1ª a 4ª		5ª a 8ª		Ensino Médio					
		Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural	Urbana	Rural
Brasil	10.357.874	31,9%	12,4%	4,6%	50,9%	1,2%	30,8%	54%	23,2%	8,8%	4,30%	3,6%	2,64%

De acordo com a tabela 1, observamos que o nível de escolaridade dos jovens é a maioria, há uma grande defasagem de jovens em relação a frequência escolar.

Sabemos que a formação de professores ocorre ao longo da sua carreira. Logo na formação inicial, o profissional professor é instigado a buscar conhecimentos para enriquecer a prática docente, cuja aprendizagem é contínua, interativa e acumulativa. De forma mais específica, as Diretrizes Operacionais da Educação Básica do Campo (Resolução 1 de 3 de abril de 2002), em acordo com a LDB 9.394/96, assegura o desenvolvimento de políticas de formação iniciada e continuada para habilitação de professores leigos, bem como a promoção de aperfeiçoamento permanente para os docentes que atuam em escolas do campo.

Sabemos que a formação de professores ocorre ao longo da sua carreira. Logo na formação inicial, o profissional professor é instigado a buscar conhecimentos para enriquecer a prática docente, cuja aprendizagem é contínua, interativa e acumulativa. De forma mais específica, as Diretrizes Operacionais da Educação Básica do Campo (Resolução 1 de 3 de abril de 2002), em acordo com a LDB 9.394/96, assegura o desenvolvimento de políticas de formação iniciada e continuada para habilitação de professores leigos, bem como a promoção de aperfeiçoamento permanente para os docentes que atuam em escolas do campo.

## 2.1 A escola e os sujeitos educadores do campo

Na realidade, pesquisar o trabalho docente dos que atuam na escola do campo está baseado nos educadores que atuam em escolas situadas na zona urbana. O trabalho pedagógico é desenvolvido em equipe, numa relação cidade-campo, incluindo a realidade do campo.

Apesar dos esforços demonstrados pelas esferas administrativas do estado brasileiro em apoiar a formação docente, a partir da exigência legal suscitada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 9.394/96), estudos do MEC persistem o baixo nível de escolaridade dos professores do campo, revelando a condição de carência da zona rural. Em 2005, no ensino fundamental de 1ª a 4ª série, apenas 21,6 % dos professores das escolas rurais tem formação

superior, enquanto nas escolas urbanas esse contingente representa 56,4% dos docentes. É preocupante, a existência de 6.913 funções docentes sendo exercidas por professores que tem apenas o ensino fundamental, que, portanto, não dispõe da habilitação mínima para o desempenho de suas atividades. (ROCHA, 2010, p.66)

Vários são os modelos formativos desenvolvidos na formação continuada de professores, como o Proinfo Integrado (Introdução a Educação Digital), Programa Dinheiro Direto na Escola, Competências Básicas, e Controle Social, dentre eles, registramos os modelos clássicos que se realizam como atualizações em projetos, debates, palestras e cursos pensados de forma padronizada e homogênea. Em geral, essas perspectivas de formação são oferecidas pelo MEC (Ministério da Educação), e FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), do Programa Formação pela Escola.

A década de 1990 foi marcada pelas reformas educacionais e políticas de formação de professores. Por trás dessa reforma, está o processo de reestruturação do capitalismo e das evidências da crise na educação no desenvolvimento econômico da nação.

Compreendemos que o educador sempre deve está em constante mudança, pois o ser humano demonstra sua capacidade, desenvolvendo suas habilidades por meio da profissão. Para que isso aconteça é necessário inovar, não continuar na mesmice. Caso contrário, o aluno será um mero receptor de informações. Sendo assim, o professor desenvolverá um trabalho de qualidade, haja vista que,

A educação é concebida como contribuição a humanização do ser humano pautada no presente pressuposto de que os seres humanos nascem inconclusos, inacabados tornando humano ou desumano no decorrer de nossas vidas de acordo com as experiências individuais e coletivas dos grupos sociais com os quais convivemos. (SILVA, 2000, p.73)

Neste caso, cada ser humano tem capacidade de desenvolver sua aprendizagem de acordo com os conhecimentos adquiridos no dia a dia, e fazer a troca de experiência com o educando, adquirindo um novo olhar sobre a teoria e a prática.

A experiência em movimentos sociais na educação compreende e explora pedagogicamente as tensões e contradições da sociedade. No caso do movimento social do campo, conduz a um “horizonte de possibilidades concretas de uma educação pautada na dinâmica de organizações e movimentos que participam da luta por um projeto de reconhecimento social e desconstrução da inferioridade dos sujeitos do campo”. (SANTOS, 2012, p.44). Neste caso, os sujeitos do campo são direcionados a repensar, a reaprender e a ressignificar valores e práticas desenvolvidas ao longo de suas competências e habilidades.

### 3 Conclusão

A compreensão portanto da nova proposta pedagógica para a educação do campo, indica o desafio da escola democrática e popular, uma escola que trabalhe e assume de fato a identidade do meio no qual está inserido pensando e alicerçando um novo projeto de desenvolvimento no campo. Portanto, pensar em escola do campo, é pensar em algo mutante que acompanha a transformação que a realidade exige em cada espaço e tempo.

Nesse sentido, é necessário buscar uma forma de educação que resgate a dimensão humana e promova alternativas que garantam a qualidade de vida coletiva, bem como a educação de qualidade. A Educação do Campo está presente buscando estímulos da ação metodológica dos professores das classes multisseriadas, pois os mesmos seguem o modelo da cidade. Essas ideias nos fez compreender os conhecimentos que o professor tem, em relação à aprendizagem e a transformação de acordo com a metodologia desenvolvida no decorrer das aulas.

### REFERÊNCIAS

CNE/CEB. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB nº 1. Brasília, 3 de abril de 2002.

CALDART, Roseli Salette. PALUDO Conceição; DOLL Johannes (org.) **Como se Formam os Sujeitos do Campo?** Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores. Brasília – DF: PRONERA; NEDA, 2006.

ROCHA, Maria Isabel Antunes, HAJE, Salomão Murref. (Org.). **Escola de Direito: reinventando a escola multisseriada**. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2010. (Caminhos da Educação do Campo, v.2)

SANTOS, Simone Cabral Marinho dos. **Nas veredas por reconhecimento social: o papel da educação na desconstrução da inferioridade dos sujeitos do campo**. 2012. f. 264. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2012. .

SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna. (org.) **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo: Propostas e Práticas Pedagógicas do MST**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2006.